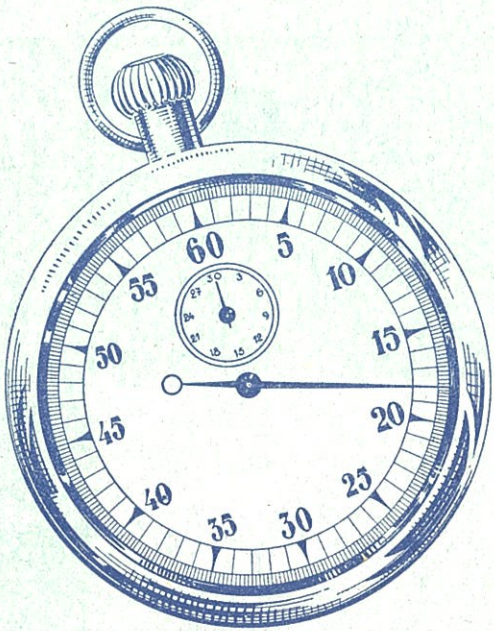
NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIII NÚMERO 121 JANEIRO DE 1955

DOCUMENTO: Directivas para a construção das igrejas 1
MOVIMENTO ECUMÉNICO E ECUMENISMO CATÓLICO — J. Poças Ribeiro 8
OS NOSSOS POBRES — J. Belinquete 16
PROBLEMAS DA POPULAÇÃO — N. B. 18
PELA IMPRENSA ESTRANGEIRA 26
APRESENTAMOS 29
CRÓNICA 31

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

E. PINTO BASTO & C.ª, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

(REPRESENTAÇÕES INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC..

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos



Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o
Clero, Seminaristas e Ordens religiosas
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços



FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

DOCUMENTO

DIRECTIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DAS IGREJAS SEGUNDO O ESPÍRITO DA LITURGIA ROMANA

Estas directivas foram redigidas por Theodor Klauser, por incumbência e com a colaboração da «Comissão Litúrgica».

A «Comissão Litúrgica» é um agrupamento de peritos, *associado aos Relatores Litúrgicos da Conferência Episcopal de Fulda — os Bispos de Mainz e Passau. A Comissão tem por conseguinte carácter oficial.*

Pertencem a ela, além dos dois Bispos como presidentes: o Dr. Johannes Wagner, director do Instituto Litúrgico de Trier; o Secretário Geral das Associações da Juventude Católica Alemã, Monsenhor Wolker; o Professor Romano Guardini, de Munique; o Professor Schnitzler, do Seminário Maior de Colónia-Bensberg; os Oratorianos Dr. Kahlefeld e Gulden; os Beneditinos Theodor Bogler da Abadia de Maria Laach e Damasus Zahringer da Abadia de Beuron.

O redactor principal, Dr. Theodor Klauser, Professor da Universidade de Bonn, procedeu a um inquérito a todos os Bispos da Alemanha, elaborou uma síntese dos resultados e apresentou várias vezes as directivas ao parecer da Comissão plena. O texto foi finalmente adoptado, tal como está, pela Comissão Litúrgica e entregue à Conferência de Fulda pelos dois Bispos, na qualidade de Relatores Litúrgicos.

O texto português foi traduzido directamente do texto alemão publicado em ARS SACRA. Schweizerisches Jahrbuch fur Kirchliche Kunst. 1952-1953, *in NZN Buchverlag, Zurich.*

Apresentamos este documento aos nossos leitores a título meramente informativo. As exigências doutrinais e litúrgicas, que aliás constituem a essência destas directivas, são evidentemente idênticas tanto na Alemanha como entre nós: temos com efeito o mesmo tipo de Liturgia, o Rito romano; porém as soluções concretas poderão acaso entre nós ter em conta alguns elementos sugeridos pela nossa peculiar fisionomia humano-religiosa ou justas tradições de culto e arte.

PRINCÍPIOS

1. Uma igreja cristã é o edifício consagrado e cheio de uma especial Presença divina — mesmo independentemente da Eucaristia —, onde o Povo de Deus se reune. Ora o Povo de Deus reune-se aqui :

primeiramente e antes de tudo, para celebrar a renovação do Sacrifício-Redentor de Cristo;

em segundo lugar, para receber os frutos do Sacrifício-Redentor de Cristo, nos santos Sacramentos;

em terceiro lugar, para ouvir a Palavra de Deus;

em quarto lugar, para oferecer as suas homenagens a Cristo, presente no Pão Eucarístico;

em quinto lugar, para se entregar a devoções extra-litúrgicas.

2. Mas uma igreja cristã não serve apenas de local de reunião, litúrgica ou extra-litúrgica, da comunidade; mas também de lugar de devoção individual dos fiéis.

3. Da determinação acima feita quanto à essência e finalidade da igreja cristã, deduz-se que esta possui uma dignidade incomparável :

Uma igreja cristã, primeiramente, é

dum modo peculiar a «Tenda de Deus entre os homens» (Apoc. 21,3), o local onde Deus é encontrado com segurança pela sua comunidade; é a «Casa do Pai» (cfr. Luc. 15,17); ela é o «Palácio Real» *(basílica)* de Deus.

Em segundo lugar, a igreja cristã é o local onde se forma e se desenvolve a Igreja, Corpo de Cristo; portanto, ela é também símbolo significativo deste Corpo de Cristo.

A igreja cristã é, em terceiro lugar, o local onde se antecipa a união escatológica de Deus com o seu Povo; por isso com razão a igreja é também designada como a Jerusalem Celeste descida sobre a Terra.

4. Por outro lado, da multiplicidade de fins da igreja resulta que a sua construção é dificultada por um conjunto de problemas específicos.

A celebração do Sacrifício da Missa põe exigências especiais diferentes das requeridas para a administração dos Sacramentos do Baptismo e da Penitência; a administração dos Sacramentos, outras diferentes das da Pregação; a Pregação, outras diferentes das do Culto Eucarístico; o Culto Eucarístico, outras diferentes das de uma Devoção popular; a Devolução popular, outras diferentes das de uma devoção privada.

É a missão do construtor da igreja encontrar uma solução que satisfaça aos diferentes fins e aplicações da Casa de Deus, de uma maneira quanto possível perfeita.

5. O Sacrifício Eucarístico, a administração dos Sacramentos, a proclamação da Palavra de Deus e o culto de Cristo Eucarístico não são realizadas exactamente da mesma maneira em todas as igrejas cristãs do mundo. No decurso dos séculos constituiram-se nesse sentido formas múltiplas : as chamadas «Liturgias» ou «Ritos». As mais importantes liturgias são incontestàvelmente a Romana e a Bizantina; a primeira, obrigatória para as Dioceses Ocidentais; a última, para as Igrejas do Oriente.

A par de uma inteira concordância no essencial, possuem no entanto as Liturgias Romana e Bizantina um cunho inteiramente diferente. E assim a igreja em que deve ser celebrada a Liturgia Romana pode não ser exactamente igual à igreja que deve servir para a Liturgia Bizantina.

6. A igreja é destinada ao Povo de Deus dos nossos dias. Deve portanto ser disposta de modo que os homens da actualidade se sintam atraidos para ela.

As mais nobres necessidades do homem do nosso tempo devem encontrar nela a sua satisfação: o desejo imperioso de vida comunitária; a ânsia de verdade e autenticidade; o desejo de passar do superficial ao que é central e essencial; a ambição de clareza, luminosidade e visibilidade; o veemente anelo de silêncio e paz, de calor e segurança.

CONSEQUÊNCIAS

1. Seria errado erguer em locais separados, sem motivo grave, a igreja e a escola, o hospital da comuna e o secretariado da caridade, o lar da paróquia e a biblioteca paroquial, a residência do pároco e a do sacristão.

O ideal a atingir seria a união espacial de todas estas instalações num conjunto orgânico, a «domus ecclesiae», — afim de se tornarem visíveis, também exteriormente, as íntimas relações entre a igreja e o sacerdote, entre a eucaristia e a caridade, entre os sacramentos e a educação.

2. Não seria acertado erguer sem necessidade a Casa de Deus numa barulhenta rua comercial — por muito que a humanidade, mergulhada nas preocupações terrestres, necessite que o Deus eterno lhe seja enèrgicamente apontado.

Seria de desejar que os fiéis, no caminho para a igreja, tivessem de passar primeiramente por uma zona de silêncio

e de recolhimento, portanto por um recinto resguardado ou por um verdadeiro adro; e assim fossem preparados para o silêncio, cheio de Deus, do lugar sagrado.

3. Seria errado adaptar de tal maneira a construção exterior da Casa de Deus — nas suas proporções e linhas, na sua estrutura e decoração — às construções profanas do tempo e do ambiente, que desse a impressão dum edifício profano.

Mas seria igualmente um erro recorrer a uma gritante linguagem de formas a fim de atrair a atenção dos traseuntes para a igreja que encontram no caminho.

O nosso empenho deveria ser, sim, proclamar pelo exterior da igreja, dum modo tão digno como persuasivo, a Transcendência, a Sobrenaturalidade, a Divindade do que se passa no seu interior; e não obstante, enquadrar de forma harmoniosa a Casa de Deus no meio ambiente.

4. Seria pouco aconselhável que na disposição das entradas da igreja se considerassem apenas os problemas do guarda-vento e regulamentação de circulação.

Uma vez mais se devia procurar que logo pela imponente configuração das portas da igreja — sobretudo do pórtico principal — a atenção dos fiéis fosse atraida para o paralelismo Porta-da Igreja = Porta-do-Céu.

5. Seria um erro, no estudo do plano do espaço interior, partir do culto da Presença Eucarística de Cristo — como por vezes tem sucedido — e não do Sacrifício Eucarístico; e assim organizar o espaço unilateralmente em função da adoração e contemplação.

Proceder desta forma seria um erro, porque na escala das finalidades da Casa de Deus o culto da Presença Eucarística não está em primeiro lugar.

O problema criado pela concorrência dos diferentes fins duma igreja só poderá ser solucionado de maneira satisfatória se, onde tal for possível, se separar de qualquer modo o espaço destinado à celebração do Sacrifício Eucarístico do espaço destinado ao Culto Eucarístico; e também, se, onde possível, forem previstos espaços particulares para os sacramentos do Baptismo e da Penitência. Então poderia cada parte sofrer a configuração arquitectónica correspondente à sua finalidade peculiar.

6. É errónea a opinião muito divulgada de ser de ambicionar a colocação do altar no meio da assembleia dos fiéis e de, por conseguinte, também o tipo de construção centrada representar a única forma satisfatória da Casa de Deus.

Uma igreja é em primeiro lugar destinada à celebração do Sacrifício Eucarístico. Ora esta celebração, segundo a concepção litúrgica ocidental-romana, é uma «Acção»: antes de tudo, acção de Cristo e do seu representante, o sacerdotal Liturgo; mas também acção da assembleia.

Os pontos culminantes da acção da assembleia são as aclamações antes do Prefácio e o «Amen» após o Cânon, assim como a procissão do Ofertório e da Comunhão, à primeira das quais no entanto hoje apenas raras vezes temos ocasião de assistir.

O conjunto destas acções reclama um espaço de qualquer modo orientado para o altar, que claramente coloque frente a frente o Actor e Contra-actor, Sacerdote e Assembleia, e abra um caminho para a ida e regresso das procissões.

O ideal seria, por conseguinte, uma igreja que satisfizesse plenamente a estas exigências da Liturgia Romana — orientação do espaço para o altar, nítido face a face do Sacerdote e da Assembleia, possibilidade de ordenada evolução das procissões por ambos os lados —, sem no entanto introduzir distância excessivamente grande entre o espaço do altar e os extremos mais afastados do espaço da comunidade.

7. O altar é, conforme a sua significação primitiva, o sítio em que a terra se eleva ao encontro do Céu. Na esfera cristã, o altar é de acordo com a sua finalidade, a Mesa do Sacrifício e do Banquete do Povo de Deus; e ao mesmo tempo o lugar da manifestação eucarística de Deus entre nós.

Mas visto que o Homem-Deus se torna

presente sobre o altar pela Consagração, o Altar é — mesmo sem o Tabernáculo — o Trono de Cristo. E porque o Altar é o Trono de Cristo, os Antigos viram nele também o símbolo de Cristo; pois o trono simboliza o Soberano.

Por tudo isto se verifica quanto é errado fazer do altar uma consola da parede; ou realizá-lo como se a sua função única ou predominante consistisse em ser pedestal para o Tabernáculo ou a Cruz, para castiçais ou relicários, para quadros ou grupos de figuras.

Numa igreja-modêlo, o altar — pela sua posição isolada e medianamente elevada, pela possibilidade de circular em seu redor, pelo seu traçado harmonioso e pela nobreza do material escolhido, pela sua monumentalidade de acordo com as proporções da Casa de Deus, pelo hábil encaminhamento das linhas de perspectiva do espaço, pela sua colocação no ponto mais iluminado, e talvez também por um baldaquino — revela-se claramente como o verdadeiro Santuário, como o coração de todo o edifício. Uma igreja-modêlo será, tanto no interior como no exterior, concebida e realizada em função do altar.

8. Seria um erro renunciar sem motivo concludente à direcção ocidente-oriente da igreja, baseada em venerável tradição.

Pelo contrário, deverá familiarizar-se a compreensão e a consciência dos fiéis com o profundo e belo simbolismo da oração voltada ao Oriente; e com isso também se dará nova vida à orientação das nossas igrejas.

Alguns indícios fazem prever que nas igrejas do futuro o sacerdote voltará como outrora a estar por detrás do altar e a celebrar de face para o Povo, como ainda hoje se faz nas velhas Basílicas Romanas; o desejo, em toda a parte sensível, de dar mais clara expressão à Eucaristia como Banquete comunitário, parece reclamar esta solução.

A lei da oração voltada para o Oriente não seria impedimento a uma evolução deste género. Pois o alvo ideal da oração voltada ao Oriente é Deus e o Seu Filho unigénito, que se concebem, à maneira do Sol, com o seu trono no oriente e a avançar do oriente. Agora porém esta vinda de Deus, esta Teofania, dá-se sobre o altar. Numa igreja cristã portanto o alvo da oração orientada está no altar; para o altar têm, por conseguinte, de se voltar tanto o sacerdote como a comunidade.

9. Seria sem dúvida um erro querer colocar sem reservas o altar, mesmo em igrejas maiores, na extremidade do espaço, como em muitos sítios se verificava na antiguidade cristã com as igrejas de tipo *sala* («Igreja de espaço único»).

Seria mais adequado ao caso e à tradição reservar-se para o altar em maiores igrejas um Santuário rectangular, semicircular ou poligonal *(Coro)*, nitidamente separado do restante espaço («Igreja de dois espaços»).

10. Seria um erro guarnecer de janelas a parede de fundo do Santuário de modo tal que por isso se tornasse difícil olhar para o altar. Mas de igual forma seria um erro decorar esta parede de fundo com símbolos que não estejam em conexão directa com a celebração do Sacrifício Eucarístico ou não se harmonizem com o conjunto do Ano Litúrgico.

No caso ideal, a arquitectura e a decoração do Santuário terão sido escolhidas de forma a encaminhar os olhares, não para si, mas para o altar e para a acção sagrada que nele decorre. Quando devam ser colocadas no Santuário representações figurativas, que elas sejam tiradas do mundo de noções do Cânon Eucarístico, isto é, do texto compreendido entre o *Sursum Corda* e a Doxologia final. Em qualquer caso, não se escolherão acontecimentos históricos, mas sim motivos estáticos.

11. Seria um erro organizar o espaço interior da Casa de Deus de forma tal, que a comunidade venha a perder a consciência de executar o serviço divino como uma unidade, como um família unida por estreitos laços.

Mas seria também um erro querer dispor o espaço de molde a não deixar em parte alguma um canto tranquilo para a oração privada.

A solução ideal seria decerto uma igreja que dispusesse de um espaço ade-

quado para a grande comunidade dos domingos e dias de festa e outro para a comunidade mais reduzida dos dias de trabalho, espaços que tornassem palpável a unidade dos que se reunem; e no então possuisse também as zonas de devoção que as pessoas individualmente possam desejar para os seus exercícios de piedade privada.

12. Seria de lamentar que a total concentração do espaço sagrado sobre o altar fosse estorvada por altares laterais e estátuas, por estações da Via-sacra e confessionários, por corpos de iluminação mal distribuidos e por filas de bancos; e assim o olhar dos fiéis fosse desviado do Santuário por todas estas coisas.

Dever-se-ia deixar de lado toda a obra acessória supérflua e deslocar, na medida do possível, para espaços laterais ou para uma cripta as instalações imprescindíveis, como por exemplo altares secundários e confessionários. Aquilo, porém, que tenha de se deixar ficar no espaço principal, deveria ser ordenado de tal modo que não interrompesse o tranquilo deslisar do espaço em direcção ao altar.

13. Seria um erro deslocar a sacristia da imediata proximidade do espaço do altar, dispondo-a porventura, como nos antigos tempos do Cristianismo, ao lado da fachada da igreja.

Mas seria bom fazer uma ligação entre a sacristia e a entrada da igreja, por forma que aos domingos e dias festivos o clero pudesse passar solenemente para o altar através do espaço da assembleia; assim o cântico de entrada da liturgia da Missa *(Intróito)* voltaria a possuir a sua total significação.

14. A grandeza do espaço das Catedrais, igrejas de peregrinações e igrejas das grandes cidades impôs a necessidade de a pregação se fazer, não do espaço do altar, mas sim do alto de um elevado púlpito, que em geral está colocado lateralmente, quase a meio da igreja ou suspenso na parede.

Sob a influência destas grandes igrejas, tornou-se infelizmente normal colocar os púlpitos de modo tal que uma parte dos fiéis fica de costas para o pregador.

A pregação litúrgica — isto é, aquela que orgânicamente se insere no seu lugar próprio na celebração eucarística — deve ser antes de tudo continuação e explicação da Palavra de Deus, proclamada nas duas leituras bíblicas. À semelhança portanto da *Epístola* e do *Evangelho,* devia a pregação, onde tal seja possível, ser proferida do espaço do altar, porventura de um ambão colocado junto da balaustrada do Coro.

15. O coro dos cantores tem a cumprir uma missão litúrgica claramente definida: deve conduzir a assembleia nas orações, aclamações e cânticos; alternar com a comunidade os cânticos responsoriais; e por vezes suprir totalmente a assembleia.

Por conseguinte é, no fundo, errado alojar o coro dos cantores numa tribuna à rectaguarda, invisível para a assembleia.

Numa igreja-modêlo, ordenada segundo pontos de vista estritamente litúrgicos, será destinado para o coro dos cantores um lugar no espaço da assembleia, muito próximo do Santuário.

A tribuna da rectaguarda, se dela se não desiste de modo algum, será deixada para o órgão, cuja missão litúrgica não consiste aliás em preencher, como solista, os pretensos «intervalos» da Acção Sagrada, mas sim em servir de apoio ao canto da assembleia e ao canto coral, e ocasionalmente em sublinhar, à margem do serviço divino, a jubilosa alegria da comunidade.

(A tribuna seria também o local cedido ao coro polifónico e à orquestra — esta, como se sabe, estranha ao serviço divino estritamente litúrgico).

16. No santo Baptismo nós renascemos como filhos de Deus e ao mesmo tempo somos incorporados na Igreja, Corpo de Jesus Cristo.

É de lastimar que esta fundamental significação do sacramento do Baptismo quase se não manifeste na actual vida paroquial, e que, por conseguinte, também a Pia Baptismal pertença à categoria das peças de mobiliário da Casa de

Deus a que se não presta atenção.

Numa igreja ideal destinar-se-á um espaço àparte, junto da entrada, para a «Fonte baptismal» *(font)*, construida em estilo monumental.

Dê-se a este espaço a forma duma construção centrada, redonda ou poligonal, como quer venerável tradição eclesiástica.

A reflexão sobre o Rito baptismal conduz a idêntica solução arquitectónica. Com efeito, na essência do Rito baptismal o homem não se comporta como realizador duma acção; ele é sòmente objecto passivo duma misteriosa actuação divina. A estes factos não se ajusta uma construção longitudinal, cujo simbolismo está de harmonia com um espaço activo; mas apenas uma construção centrada, cujo eixo cai verticalmente e é por isso o espaço dum acontecimento passivo.

17. Seria um erro mobilar e ornamentar o espaço sagrado de molde a nele se respirar o conforto da casa burguesa. Mas seria de igual forma um erro tornar o arranjo e a decoração da Casa de Deus propositadamente semelhantes à indigência dum lar proletário.

O interior da igreja ideal dará tão pouco a impressão de burguês como de proletário. Deverá proclamar poderosamente a sublimidade de Deus que transcende todos os critérios terrenos e assim erguer o visitante acima da atmosfera da sua existência privada; mas por outro lado deverá deixar também transparecer o calor «do amor do Nosso Salvador pelos homens» (Tit. 3,4).

18. Seria um erro querer, como infelizmente tem sucedido as mais das vezes nas últimas décadas, abandonar a decoração pictural e plástica da Casa de Deus e suas instalações — sobretudo o adorno do pórtico, do santuário, do altar, do baptistério e do púlpito — ao arbítrio do respectivo Pároco ou doador, ou ao acaso.

Quando se ambiciona construir uma igreja modelar, deverá elaborar-se não apenas a planta, mas também um plano da decoração artística do novo edifício, bem estudado sob o aspecto teológico e pedagógico.

Este plano procurará que a decoração da igreja, uma vez acabada, exponha diante dos olhos da assembleia o mundo da fé, não apenas fragmentàriamente, mas numa certa integridade, ao mesmo tempo que numa ordem plenamente significativa e com as justas cambiantes de valor.

19 No estudo do plano de novas igrejas domina muitas vezes o empenho de dar ao edifício dimensões tão vastas quanto o permitam os simples critérios dos recursos financeiros e do terreno. Consideram-se falsamente as igrejas maiores como se em si já fossem mais perfeitas.

Há uma grandeza ideal para uma igreja. Esta grandeza ideal existe quando o sacerdote ao altar pode ser bem compreendido e visto mesmo dos mais afastados lugares do espaço da comunidade, sem o auxílio de meios técnicos; e onde é possível fazer a distribuição da comunhão a todas as pessoas reunidas na igreja, sem que isso obrigue a celebrar a Missa a correr. Esta grandeza ideal não deveria ser excedida sem imperioso motivo.

(É evidente que as igrejas das Catedrais e as dos lugares de peregrinação necessitam de maiores dimensões).

20. Seria um erro querer dotar uma igreja paroquial, de dimensões modestas, com um Santuário tão grande que pudesse alojar o numeroso clero duma Catedral. Seria igualmente errado dar ao Santuário uma profundidade tão diminuta que os degraus do altar quase tocassem na balaustrada.

No caso ideal, a grandeza do Santuário está numa bem proporcionada relação com a grandeza do espaço total; o plano entre os degraus do altar e a balaustrada é aqui suficientemente largo e profundo para tornar possível o harmonioso desenrolar de uma Missa solene com ministros.

21. Seria errado encher sem necessidade o espaço da assembleia com bancos, de tal maneira que estes, à frente, che-

gassem quase à teia do altar ou seja à Mesa da comunhão, e lateralmente quase tocassem nas paredes exteriores.

Numa igreja ideal atender-se-á — mediante a instalação de passagens suficientemente largas ao centro, dos lados, diante da balaustrada do altar e junto à entrada — a que, mesmo na hipótese de se abeirarem da Mesa do Senhor muitas centenas de pessoas, não resultem daí desedificantes apertos; e a que se possam realizar sem dificuldade as procissões previstas para certas ocasiões litúrgicas (procissão de entrada aos domingos e dias de festa, procissões de festa das candeias, dos ramos, etc.).

Aquele a quem foi confiada a construção duma igreja incorre numa grande responsabilidade. Depende do êxito da sua obra que gerações de fiéis amem ou não a igreja da sua terra, que venham de bom grado ou contrafeitos assistir ao culto divino.

Por esta razão o estudo do plano duma Casa de Deus nunca será suficientemente consciencioso e profundo.

MOVIMENTO ECUMÉNICO

E ECUMENISMO CATÓLICO

Os séculos que se seguiram à ruptura infligida por Lutero à Igreja, caracterizaram-se por uma crescente desagregação do mundo protestante. Surgiram novas igrejas, umas sem qualquer laço de união entre si, outras chegando mesmo a rivalizar.

Desde o início, as almas generosas do protestantismo sofreram com esta desunião, se bem que erròneamente depositassem as suas esperanças de unidade nas intervenções políticas.

No século XIX, as igrejas separadas, ao notar o escândalo provocado pela sua dispersão, organizaram vários movimentos fomentadores da união. Apareceram as Alianças, agrupamentos em que se congregavam as igrejas da mesma denominação; os grupos da Juventude Cristã reuniram-se em federações internacionais: as associações cristãs dos rapazes em 1855, e as associações cristãs das raparigas em 1893. Estas federações em breve formaram o seu «comité» central. E em 1895, foi fundada por John Mott a Federação Universal dos estudantes cristãos.

Em 1910, realizou-se em Edimburgo a Conferência universal das Missões protestantes tem terra pagã ou muçulmana, e é desta altura que, a bem dizer, poderemos datar os princípios do Movimento Ecuménico. que constitui sem dúvida, um dos mais importantes fenómenos na história contemporânea da cristandade.

O estudo da evangelização entre os infiéis suscitou na consciência protestante o problema da Igreja e deu origem ao movimento ecuménico, cuja finalidade o próprio nome indica: «reconduzir à unidade a universalidade dos cristãos». (1) O único cristão do Extremo-Oriente presente naquela conferência, perante representantes das velhas Igrejas da Europa

---

(1) P. le Guillou, *Situation de l'oecuménisme — La Vie Intelectuelle,* T. XXV, (1954), p. 7.

e dos Estados Unidos, ergueu bem alto a sua voz, bradando: «Enviastes-nos missionários que nos dão a conhecer Jesus Cristo, e por isso vos estamos gratos. Todavia levastes-nos também as vossas distinções e divisões: uns pregam-nos o metodismo, outros o luteranismo, o anglicanismo, o presbiterianismo, etc.. Pregai-nos o Evangelho, pregai-nos sim Jesus Cristo, mas nunca as vossas divisões. Deixai que a Igreja surja de entre a nossa gente conforme às suas exigências e conforme também aos génios da nossa raça, e assim, haverá a Igreja de Cristo na China, a Igreja de Cristo no Japão, a Igreja de Cristo na Índia, liberta de todos os «*ismos*» com que afectais a vossa pregação». (1)

Este apelo e a nua realidade nele contida, despertou nos protestantes a consciência de toda a gravidade das suas divisões. O Bispo episcopaliano Brent, imediatamente pôs mãos à obra, concebendo a ideia duma conferência em que as diferentes sociedades cristãs, abordassem amigàvelmente o tema da unidade entre si, analisando lealmente as suas divergências, confrontando doutrinas e conceitos acerca da constituição da Igreja. Os pontos de união, pareciam a Brent, superiores aos de divisão, e uma vez que isto se descobrisse, seguir-se-ia lògicamente um firme esforço de reagrupamento de toda a cristandade dividida. Para isso, o movimento deveria assentar em duas bases, como que dois pontos de partida: uma certa unidade de fé e uma comum noção de Igreja e de sua orgânica, que lhe vieram a dar o nome de «Fé e Constituição».

Estes projectos longamente estudados por Brent, devido à primeira guerra mundial e a outras dificuldades de ordem vária, só tiveram execução em Agosto de 1927, em Lausana, onde se efectuou a 1.ª Conferência Universal, em que participaram todas as igrejas não romanas. Daí foi lançado a todo o mundo cristão, um premente apelo à unidade. Os participantes da conferência reconhecendo que Deus lhes alargava os horizontes, chegaram à impressionante conclusão: «Deus quer a unidade da Igreja. A nossa presença aqui prova a resolução que tomamos de unir a nossa vontade à Sua. Não seremos doravante o que até agora temos sido». (2)

As divisões da cristandade, além das suas trágicas consequências

---

(1) Cit. in *L'actualité religieuse dans le monde* — n.º 20, p. 15.
(2) Id. p. 16.

no tocante à evangelização, repercutem-se gravemente no campo social e internacional. Uma vez que o cristianismo é considerado factor do progresso social, é forçoso reunir os cristãos numa tarefa comum, abstraindo de todas as divergências eclesiásticas e doutrinais. A iniciativa foi sugerida em 1919 pelo arcebispo luterano de Mpsala Nathan Soederblom, que deste modo esperava resultasse para a humanidade a mensagem de que ela, no seu estado caótico, tanto carecia. Nasceu assim o movimento «Vida e Acção», também chamado «Cristianismo Prático» pelo objectivo que se propunha: restaurar a unidade entre os cristãos, aproximando-os na vida prática e na acção social. Realizou-se em 1925, a 1.ª conferência universal, em Estocolmo, donde foi dirigida a todo o mundo uma mensagem impregnada das «mais generosas ambições do cristianismo social». (1)

Surgem pois, estes dois movimentos divergentes no alcance e na inspiração. Logo criaram os seus «comités» permanentes, a fim de prolongarem a acção iniciada em Lausana e Estocolmo.

«Fé e Constituição» e «Vida e Acção», organismos a princípio diversos, por vezes mesmo rivais, passaram a conjugar os seus esforços numa experiência de mútua colaboração. Esta coordenação de trabalhos foi de primordial importância no Movimento Ecuménico, pois suscitou um melhor conhecimento de parte a parte, e facilitou grandemente um trabalho doutrinal em comum. Os óptimos resultados desta experiência originaram a ideia de se criar uma federação em que ambos os organismos se fundissem, para um trablho ainda mais profícuo. Esta obra de fusão ficou decidida no ano de 1937, na 2.ª conferência universal dos dois movimentos.

Foi nomeada uma comissão de catorze membros, 7 de cada organismo, incumbida de preparar a constituição dum Conselho Ecuménico das Igrejas, que coordenaria todos os esforços de unificação. O trabalho do «Comité dos 14» originou a conferência de Utrech realizada em 1938. A 2.ª guerra mundial, obrigando o movimento a empregar as suas forças no auxílio às vítimas da catástrofe, retardou os trabalhos preparatórios do Conselho Ecuménico, iniciados já em Utrech, onde se havia chegado a um acordo de princípios.

---

(1) Cit. in *L'actualité religieuse dans le monde* — n.º 20, p. 16.

Terminada a conflagração, de novo se pensou na 1.ª Assembleia Geral das Igrejas Cristãs, que se veio a realizar em Amesterdão, de 22 de Agosto a 4 de Setembro de 1948, e cujo acto primário foi a criação do Conselho Ecuménico das Igrejas que viria a ser «um privilegiado lugar de conver-ecuménica». (1) Em nada se assemelha a uma Super-Igreja, ou a um Vaticano protestante. (2) As 155 igrejas a ele aderentes são consideradas como tais, e sobre elas não é exercida jurisdição alguma. O Conselho, no dizer do seu secretário geral, o Dr. Visser't Hooft, é mais do que um organismo, é já uma manifestção da unidade da «UNA SANCTA», que procura afirmar-se. Ou, como diz o P.e Y. Congar, o Conselho é um órgão profético da unidade já existente. Tem carácter permanente e desempenha papel de suma importância no seio da cristandade não romana — formando organismos juvenis, dirigindo serviços de imprensa e informação, promovendo estudos ecuménicos através dum centro que difunde abundante documentação teológica.

Actividade idêntica vem sendo promovida pelo movimento «Fé e Constituição», que teve a sua plena integração no Conselho ,em 1952, após a última assembleia autónoma de Lund.

O Secretariado ecuménico instalado em Genebra, com a sua revista trimestral «The Ecumenical Review», permite prolongar os colóquios ecuménicos fora das assembleias gerais. Independentes de Genebra, existem adentro das diferentes confissões, inúmeras revistas e panfletos de estudos ecuménicos. Todas estas publicações, não escondendo os pontos de vista aparentemente irredutíveis, contribuem imenso para um estreitar de relações cada vez mais nítido com os teólogos romanos.

O Conselho tem como principal característica a fusão de dois movimentos que passaram a completar-se: «Vida e Acção» não poderia produzir um trabalho prático eficiente sem uma sólida base doutrinal; «Fé e Constituição», não poderia estudar devidamente a doutrina sem visar as suas aplicações práticas.

É digno de salientar no Movimento Ecuménico, o interesse por ele votado à causa missionária. Já vimos que foi do Movimento Missionário

---

(1) Id., p. 18.
(2) Cfr. Courvoisier, cit. in. id..

que soou o toque de alvorada para o Ecumenismo. De facto, em Edimburgo criou-se bem a consciência da obra a empreender entre os pagãos: testemunho uno de um Evangelho sem divisões. Posteriormente, pensou-se na integração das «Jovens Igrejas» dos países de missão no conjunto das Igrejas cristãs. Para isso se fundou em 1921, o Conselho Internacional das Missões, presidido por John Mott, presidente honorário do Movimento.

Por seu turno, as igrejas erectas em terras de missão, exerceram uma pressão bastante intensa em favor da unidade cristã; as intervenções dos seus representantes em Amesterdão e em Lund, chegaram mesmo a ser consideradas «impacientes».

Muito tem progredido o Movimento Ecuménico nestes últimos anos. Contìnuamente se têm estabelecido amigáveis contactos entre as diferentes Igrejas que manifestam grande espírito de solidariedade. Tem-se desenvolvido, no Protestantismo americano sobretudo, um forte desejo de tomar posições idênticas às de Roma perante a sociedade mundial, reconhecendo no entanto que só pela unidade o conseguirão.

O passado ano de 1954 foi data célebre no mundo ecuménico. Realizou-se de 15 a 31 de Agosto em Evanston, perto de Chicago a 2.ª Assembleia do Conselho Ecuménico das Igrejas. Nele participaram 1.500 delegados oficiais de 162 Igrejas, de 42 países. A excelência dos temas expostos (Cristo — esperança do mundo, união e desunião das cristandades, a evangelização, o laicado, etc.) e a seriedade com que foram tratados, deram à Assembleia uma projecção universal ainda não igualada. A Assembleia foi inaugurada em 15 de Agosto em Chicago, com o «Festival da Fé» — uma «triunfante proclamação da Esperança cristã». (1)

Ao lado do Movimento Ecuménico como tal, existem diferentes actividades unionistas de igual relevo, embora de carácter mais obscuro. Vêm-se promovendo relevantes trabalhos de regresso às fontes teológicas; um certo retorno à Bíblia, um crescente desenvolvimento da liturgia e intensos estudos patrísticos, são sinais eloquentes de que no confuso mundo protestante se vão abrindo novas perspectivas a caminho da ortodoxia.

---

(1) *L'actualité religieuse dans le monde* — n.º 36, p. 7.

Não faltam, contudo, no próprio campo das Igrejas separaradas, confissões que temam o progresso ecuménico, vendo nele como que uma «volta disfarçada a Roma», (1) dada a insistência com que aborda temas de alta teologia, e versa assuntos litúrgicos.

Para impedir os progressos do Ecumenismo, existem já o Concílio Americano da Igreja Cristã (A. C. C. C.) e o Concílio Internacional da Igreja Cristã (I. C. C. C.). Em França foi fundada a Sociedade para a Defesa do Protestantismo em Perigo.

*
* *

A Igreja Católica desde o princípio, que se mostrou muito reservada perante as manifestações do movimento, recusando-se a participar nas assembleias ecuménicas. Consciente de ser a única verdadeira Igreja, ela julga inteiramente descabido tomar parte numa assembleia em que seria considerada em pé de igualdade com as outras muitas confissões cristãs. Isto mesmo o explicou claramente Pio XI em Janeiro de 1928, na encíclica «Mortalium Animos».

Em 1937, o mesmo pontífice, atendendo aos evidentes progressos do ecumenismo, permitiu a assistência de alguns católicos às reuniões de Oxford e Edimburgo, contanto que nela desempenhassem papel puramente passivo. De igual modo procedeu Pio XII, quando da conferência de Lund, onde os delegados católicos foram afàvelmente acolhidos.

O interesse da parte dos católicos aumentou, uma vez que se tornavam conhecidos os elementos positivos do movimento Ecuménico.

Perante progressos tão patentes, a Santa Sé não poderia manter a ríjida posição defendida por Pio XI; e em Dezembro de 1949, na Instrução «De motione oecumuménica», promoveu uma adaptação ao desenvolvimento ecuménico dos princípios já formulados.

A Igreja embora ausente das grandes manifestações ecuménicas, não se cansará de seguir com interesse e de auxiliar com instantes orações

---

(1) Cit. in *Le mouvement éccuménique et les catholiques* — *La Vie Spirituelle* n.º 380 (1953), p. 91.

todo o esforço unificador. Regozija-se ao notar em grande número de de separados um desejo de unidade «dia a dia mais vivo». (1) Aprova e estimula as múltiplas iniciativas que nestes últimos anos se têm desenvolvido, afim de provocarem contactos entre católicos e não católicos, desejosos de trabalhar pela causa da unidade. Apela, por isso, dum modo especial para os Bispos, a quem compete acompanhar atenta e solìcitamente todas as fases do movimento. Recomenda que essas conversações ecuménicas se realizem entre altas personalidades teológicas, pois só daí poderá resultar um «trabalho verdadeiramente construtivo». (2)

Que o Movimento Ecuménico encerra um profundo problema teológico, expressamente o declara a Instrução de 1949. A Igreja de Cristo está substancialmente completa, consoante a instituiu o seu Fundador. Pode, no entanto, acidentalmente completar-se, realizando-se com maior plenitude. O ingresso dos separados no seio da Igreja, não acrescentando nada à sua substância, manifestará de modo mais esplendoroso as riquezas divinas do Corpo Místico de Cristo.

Assim diz o Santo Ofício: «Aos separados se deverá domonstrar que voltando à Igreja, nada perderão do bem que pela graça de Deus neles se realizou até ao presente; mas com a sua vida, esse bem será completado e sublimado. Não se lhes fale neste assunto de modo tal que imaginem trazer à Igreja com a sua volta, um elemento substancial que até agora lhe faltava» (3)

A divisão é um mal «cuja preparação, consumação e desenvolvimento enraízam no pecado». (4) A Igreja sofre dolorosamente com este mal e deseja que esta dor seja repartida por cada um dos seus filhos.

Não pudemos de modo algum permanecer impassíveis perante o problema. Sobre nós cai o pesado encargo de resolutamente tomar atitudes espirituais que ajudem a conduzir a Cristo, os que ansiosamente O procuram.

Só poderemos ser obreiros da unidade, na medida em que a reali-

---

(1) Cit. in ant — p. 96.
(2) Id. p. 97.
(3) *Acta Apostolicae Sedis*, 1950 — p. 144.
(4) P. Dumont — *Les béatitudes et l'esprit de l'unité*, in *La Vie Spirituelle* — n.º cit., p. 13.

zarmos em nós próprios, vivendo o ideal da caridade, pois que ambos os mistérios se completam.

É nosso dever aproximarmo-nos dos nossos irmãos separados, debruçando-nos sobre os seus problemas», (1) ajudando-nos a eliminar os seus preconceitos, mas sobretudo apresentando-nos como «exemplo vivo da caridade cristã». (2)

Cristo, Senhor Nosso, propôs-nos um ideal de santidade. Realizando-o, irradiaremos uma força unificadora, a que decerto não resistirão todas as divisões.

Não obstante, o problema ecuménico continua a ser «um problema de especialistas». (3) Porém, toda a Igreja o sente e interessadamente o acompanha. A Semana Universal de oração de 18 a 25 de Janeiro, vem relembrar o dever de unirmos as nossas súplicas às de todos os dissidentes, na mesma prece pela unidade.

«Do mal, Deus suscitará o bem: graças à separação, esperamos uma Unidade maior. Aos olhos dos homens, a Igreja triunfando das divisões, aparecerá mais bela, mais verdadeira, mais santa». (4)

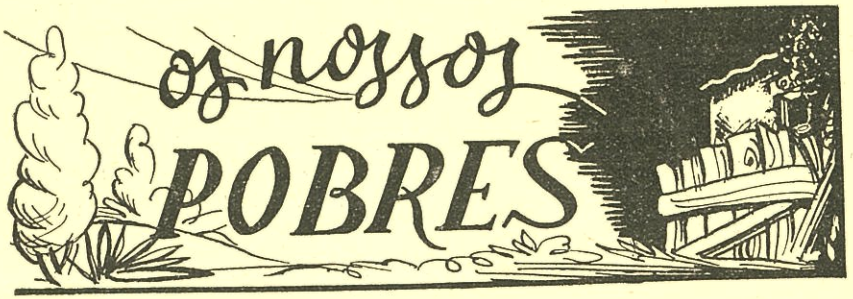
É legítimo que nos alegremos por viver na verdade. Ordena a justiça que rendamos graças a Deus pela posse de tão preciso tesoiro.

Exige a caridade que o não guardemos egoìsticamente para nós, mas o partilhemos com os nossos irmãos, afim de sermos os autênticos apóstolos da verdadeira unidade.

JOSÉ POÇAS RIBEIRO

---

(1) Vd. id., p. 15.
(2) *Acta Apostolicae Sedis*, 1924, p. 123.
(3) P. le Guillou, art. cit., p. 23.
(4) P. le Guillou, *Le Sens du Temps et de la patience*, in *La Vie Spirituelle*, n.º cit. p. 37.



O Natal lembra a gente de Belém. Lembra o frio, o vento, a chuva, o desconforto; o abandono dos homens, a indiferença, a frieza, o desprezo; em suma : o começo do mistério da Redenção. O sofrimento é a moeda do resgate. «Veio para o que era Seu e os Seus não O receberam».

E o mistério da Gruta continua através dos séculos pelas mansardas, pelas barracas, pelos tugúrios cavados nas rampas e habitados por homens, filhos de Deus. Ontem era Ele, hoje são Eles os Seus Membros. É Ele que continua a vir... e teimam em não O receber...

Nasceu pobre Aquele que os céus não podem conter; viveu pobre O que reveste os campos de tanta beleza e os lírios de tanta cor; e à hora da morte apenas tinha de Seu uma coroa de espinhos e uma cruz. A própria sepultura foi emprestada...

Sobre a gruta de Belém apareceram Anjos a anunciarem a Paz; mais tarde vieram os pastores com presentes — as suas primícias.

Junto das barracas dos Seus membros apenas aparecem a visitá-los «pastores». Não é ouro nem mesmo prata, talvez; mas do que têm, isso lhes dão : amor.

A sua maior necessidade é o pão do espírito; é a Paz anunciada pelos Anjos. Mas Paz supõe Justiça; e a Paz trará o Amor.

Mas onde há abandono à sua dor, à sua miséria, às suas chagas não há amor. A tortura moral do abandono !... É um abismo de sofrimento. Isto custa a suportar mais do que o frio que entra pelas friestas das tábuas ou a chuva pelos buracos do telhado.

É todavia mais fácil, ao olhar para este panorama angustiante de famílias e famílias a viver em tugúrios, ver aí a realização permanente do mistério total da Redenção, pois o presépio já pouco nos diz pelo muito

adulterado que foi : Jesus não tinha na gruta onde nasceu nem luzes, nem musgos nem brinquedos.

Ali vê-se melhor a Paixão, a Via-Sacra: cada casa é uma estação.

A cruz não é de madeira como nas nossas igrejas — é muito leve — ou mesmo de pedra como à beira dos caminhos, mas é cruz dramática e viva do sofrimento, ensopada por vezes no sangue da dor do corpo e da alma — o martírio lento.

Parece que Jesus caíu e não tem já forças para se erguer. Aparecem de vez em quando cireneus que O vão ajudar e em sinal de gratidão Eles deixam impresso na nossa alma o testemunho do seu heróico exemplo :

— «*A minha cruz é a maior prova da amizade de Deus*». Isto só dos santos. Este também sabe bendizer a Dor no meio duma sociedade paganizada que deifica o prazer.

Para muitos deles o seu único título de grandeza é o Sofrimento; as suas condecorações são as cicatrizes físicas ou morais.

Aproximamo-nos deles para os ajudar a fazer da sua vida sombria um cântico de Luz.

A alegria deles ao receberem-nos na véspera do Natal é indescritível. Os olhos arregalam-se, as mãos erguem-se, o rosto inunda-se de alegria e de esperança. Também eles poderão ter o seu dia de consoada. É a mesma alegria familiar das nossas aldeias na noite de Natal.

Outras vezes reune-se a família à volta do altar para rezar e cantar. No grande Sacrifício o Sofrimento tem mais sentido, compreende-se melhor; tem mais luz o mistério da Dor.

Há por entre orações e cânticos, lágrimas de alegria a marejarem os olhos; nós as vimos.

No fim, à semelhança dos tempos primitivos da Igreja, recebem a oferta de seus irmãos.

«Fazer de cada barraca um templo é a nossa missão; e de cada Barredo, Curraleira ou Bairro de S. Francisco um santuário de peregrinação.

Jesus não aparece ali; vive lá, por entre aquelas tábuas e latas, trapos e lama.

Mas nem todos O conseguem descobrir. Os discípulos de Emaús pressentiam, mas não descobriram. Ali naquelas grutas também se pode adorar a Jesus. «Os Pobres são um Sacramental de Cristo».

J. Belinquete

PROBLEMAS DA POPULAÇÃO

Entre os problemas mais candentes do nosso tempo, um há que tem ocupado muitas reuniões e congressos internacionais e despertado um interesse invulgar em todas as nações, precisamente por dizer respeito a todas elas — o problema da população do mundo.

Este tema, a que podemos chamar « ciência da população », novo e recente, reveste-se de um interesse primordial porque atinge directa e imediatamente a vida do homm e esclarece, e mesmo soluciona, alguns dos problemas mais graves das sociedades e dos indivíduos. Deve interessar-nos porque humano, mas também porque ligado à moral e à religião. Com efeito, o estudo dos problemas da população interessa à sociedade e à Igreja por trazer consequências não apenas económicas e sociais mas também morais e religiosas.

Ao tratar deste assunto, ocupar-me-ei directamente da emigração — direito que o homem tem de se estabelecer fora do seu próprio país. No entanto cumpre-me apresentar alguns dados e considerações a ela ligados.

Antes de mais, a grave questão: — « Poderá a Terra alimentar toda a população mundial? »

É mais difícil do que parece à primeira vista, dar uma resposta satisfatória e ao mesmo tempo verdadeira, à pergunta formulada.

No campo puramente especulativo, nós, cristãos, que acreditamos em Deus Providente, não temos dúvida alguma em responder afirmativamente.

Quanto ao momento presente, é relativamente fácil reconhecê-lo, os produtos da terra são suficientes para alimentar todos os povos. Se há milhões de pessoas na mais negra miséria, a causa temos de a encontrar na má distribuição das riquezas, não na falta de alimentos.

Se olharmos o futuro que se aproxima, o panorama deixa de ser claro, antes aparece-nos um tanto duvidoso:

Daqui a 20, 40 ou 50 anos, terá a terra alimentos suficientes para a população, continuando esta a aumentar como nos últimos tempos ? — é a nossa pergunta.

Na verdade, o aumento da população é grande e assustador. Apesar dos morticínios das duas guerras mundiais, a cifra global da população,

nestes dez anos de paz precária, já excedem os números dos censos anteriores a 1914 e 1939. E esse aumento sobe à casa dos milhões:

De 1920 a 1948, a população mundial aumentou de 28,4 %; na Índia de Nerú, desde 1941 a 1951, a população aumentou 43 milhões de habitantes (318 para 361), e além disto, a população mundial sofre um aumento anual de 20 milhões.

É certo, que a produção alimentar acompanhou sempre, precedendo-o por vezes, este aumento populacional:

(De 1920 a 1948, os cereais panificáveis subiram 33,8%; o açúcar, 66 %; as batatas, 54 %; o arroz, 8 %).

Mas como se conseguiu este aumento de produção ?

Pela indústria, por um lado, e mecanização da lavoura; por outro, pela intensiva adubação dos terrenos com produtos químicos. —Ora, esta adubação intensiva não irá esgotar a terra a curtos prazos ? Há terrenos completamente destruídos na sua fertilidade (pelo esgotamento do húmus, acção erosiva da água e do vento, etc.). Nos E. U. da América, por exemplo nos últimos 150 anos, inutilizaram-se, cerca de ⅓ dos terrenos cultiváveis; e em África, a força do vento sobre as areias dos desertos tem destruido grandes extensões de terreno.

Isto não quer dizer de forma alguma que estejamos numa situação desesperada. Serve tão sòmente para indicar a gravidade do problema e a necessidade de o resolver da forma mais justa e que mais estiver de acordo com a doutrina da Santa Igreja. E ao procurar uma solução, temos de rejeitar desde já, porque contrária aos ensinamentos da Igreja, a doutrina maltusiana segundo a qual o mundo caminharia a passos largos para a fome, se não se restringissem os nascimentos, porque o crescimento da população se faz numa progressão geométrica, enquanto os alimentos aumentam em progressão aritmética.

Nós sabemos que a Providência de Deus nunca falta e por isso partimos desta certeza: Deus não vai criar um ser (Ele cria directamente cada alma humana) para o abandonar, deixando-o na impossibilidade de alcançar o necessário para a sua subsistência. No entanto o problema humano persiste, e tem de ser encarado sob esse aspecto puramente material — Deus, ao criar o homem, deu-lhe a inteligência a fim de que ele governe o mundo dentro das normas da justiça e da caridade. Compete, pois, ao homem encontrar as soluções adequadas aos seus problemas.

E com essa finalidade se têm organizado semanas sociais em muitos

países, reunido conferências e congressos internacionais em várias cidades do mundo.

Assim, nos fins de 1953, realizou-se a 26.ª Semana Social dos Católicos italianos, reunidos em Palermo, na Sicília, para estudar precisamente « a população » do orbe — a que Mons. Montini, em nome do S. Padre, dirigiu uma carta condenando as falsas soluções e apontando as bases da justiça e da moral sobre que devem assentar todas as conclusões. (1)

Ainda em Setembro último (30 Ag.-9 Set.) esteve reunido em Roma o II Congresso Mundial da população em que participaram cerca de 700 congressistas representando 70 países. No final, S. Santidade Pio XII, dignou-se recebê-los, incitando-os então a continuarem o estudo deste grave problema, mas sempre debaixo das normas dadas pela Igreja que nunca se desinteressa dos assuntos humanos. (2)

Eis algumas das soluções: a reconstituição dos terrenos, a cultura dos campos mais intervalada, a emigração, o aproveitamento das terras bravias, visto que « A terra, sem dúvida, fornece ao homem com abundância as coisas necessárias para a conservação da vida e ainda para o seu aperfeiçoamento, mas não poderia fornecê-las sem a cultura e sem os cuidados do homem ». (3)

Entre elas uma há que embora insuficiente por si só, parece ser a mais humana para resolver em grande parte e ràpidamente o angustiante problema — é a *emigração.*

Em nossos dias, é deveras aflitivo o desequilíbrio do povoamento do mundo.

Há na Terra, regiões que estão manifestamente superlotadas. Bastará lembrar os «formigueiros» chinês, japonês hindu. Na China, com uma média de 47 habitantes por Km², são aos milhares as pessoas que morrem de fome e creio que cerca de ⅔ da população vive num estado de miséria permanente.

Na Índia, a média de 115 hab./Km.² (E. U. A. — 18/km.²) mostra-nos o desnível entre a população e a superfície total: tem 3% da superfície da terra e quase 20% da população mundial. A situação económica do povo é muito deficiente. « O « Times of India » de Julho de 1949, dizia

---

(1) Vd. — *Eclesia* — Madrid 10 de Out. 1953, — pg. (403)

(2) Vd. L'Osserv. Rom. de 17 de Set. 1954 e Études, Cut. 1954. Nov., 1953. Vd. também condensado em *Novellae Olivarum,* Out. de 1954.

que só 4% da população da Índia habitava casas nas condições elementares de superfície, ventilação e luz. Um inquérito feito no mesmo ano sobre o problema da habitação em Bombaim, revelou que quase 1 milhão e meio de cidadãos indianos se encontravam sem abrigo ou se abrigavam em condições desumanas, vivendo mais de ½ milhão nas ruas e dormindo sobre os passeios ». (1)

Na Europa, o fenómeno reproduz-se, ainda que atenuado. A Bélgica, por exemplo, numa superfície que é cerca de ⅓ do nosso território continental, tem uma população de 10 milhões de habitantes (247/Km²), e a Holanda, em superfície sensìvelmente igual, já excedeu esse número.

Também a Inglaterra, a Itália e a Alemanha Ocidental onde continuamente chegam milhares de refugiados que fogem ao terror comunista, se encontram em condições tais que não conseguem dar a todos os cidadãos o necessário para a subsistência.

Em compensação há ainda muitos espaços livres, muitos terrenos incultos, abandonados por faltas de mãos que os façam produzir, muitas regiões ricas que podem alimentar uma população superior àquela que astualmente possuem. Tais são os casos das Américas, da África em parte, e da Austrália.

Qual a solução a dar ao problema ? — é o que vamos examinar.

A Índia constitui um caso à parte entre os países com excesso de população. Com uma superfície de uns 3.200.000 Km.² e uma população de 375.000.000 habitantes, possui regiões extensíssimas por cultivar, por falta de água, e regiões, pouco industrializadas, onde a densidade da população chega a 260 hab./Km.² .

Neste momento a Índia não consegue alimentar toda a população. Como solucionar a questão ?

Pela emigração ? Pelo «birth control» ou deminuição da natalidade ? Pela intensificação da indústria ou pela cultura dos terrenos bravios, mediante a construção de grandes barragens de irrigação ?

Não tendo autoridade para dar uma solução, apresento tão sòmente alguns dados escolhidos.

Quanto à deminuição da natalidade, ela foi condenada pela Igreja sobre quaisquer das suas formas mais ou menos civilizadas, e por outro

---

(1) *Novidades*, 11 Out. 54.

lado, a população não aceita de modo algum, pelo menos no presente, por estar em oposição formal com as tradições religiosas — favoráveis às famílias fecundas, — e com a pregação de Gandhi. Muito aprovada pela O. N. U., que a propôs, foi primeiro sancionada e um ano depois reprovada, pelo Primeiro Ministro Nerú o qual, vendo a reacção do povo, afirmou no Parlamento não ser o « birth control » meio eficaz para resolver a superpopulação.

Quanto à emigração externa (para fora do país), embora se imponha como remédio imediato, não parece ser a solução mais adequada para o caso da Índia. Na verdade, ela não caiu no agrado do povo que se veria contrangido a abandonar o país e as suas tradições — razão por que há apenas três milhões de indianos fora da sua Pátria. Aliás os próprios governantes não a intentam nem de qualquer forma a favorecem. No entanto, repito, ela impõe-se, pelo menos no momento presente, para não vermos o dia em que, ao indiano, fechadas as portas da emigração, não fique senão uma possibilidade — a de se deixar tranquilamente morrer de fome na sua pátria.

Quanto à intensificação da indústria e aproveitamento dos terrenos incultos, juntamente com a emigração intensa, parecem ser os meios mais aptos para solucionar, na Índia, o problema da superpopulação. Estão já sendo empregados em larga escala e com óptimos resultados, porém muito insuficientes. Possìvelmente, seguindo as visões mais optimistas, daqui a algumas décadas (50 anos talvez) estará resolvido totalmente, a a União Indiana bastar-se-á a si mesma. No entanto requer-se uma solução imediata e essa, creio, só poderá ser dada pela emigração em larga escala para descongestionar os grandes aglomerados onde lavra negra miséria.

Quanto aos outros países ultra-povoados e em especial os da Europa, a única resposta humana e cristã encontra-se na emigração.

Evidentemente, este problema, como solução que se impõe, tem de ser estudado sèriamente por acordos internacionais, mas é principalmente aos Estados interessados que compete examinar a questão de modo a garantir à família aquele « espaço vital » de cuja necessidade tanto se fala nas Encíclicas Sociais.

Na carta enviada pelo S. Padre à 26.ª Semana Social dos Católicos italianos, por intermédio de Mons. Montini, estabelecem-se as balizas den-

tro das quais se deve procurar a verdadeira resposta ao problema da superpopulação.

« Recordem antes de mais, que nenhuma solução dos problemas demográficos poderá estar de acordo com a justiça e a verdade se não tiver em devido apreço o valor sagrado e intangível da família humana e se de qualquer modo prescinde do respeito àquelas normas que presidem à sua transmissão ordenada ».

Num discurso de 19/X/1951, definia o Papa como « contrária ao pensamento de Deus e da Sagrada Escritura» e também «à sã razão e ao sentimento da natureza» a mentalidade moderna hostil ao ideal duma família fecunda.

Outro ensinamento fundamental a ter presente ao examinar o problema demográfico é o de que «os bem criados por Deus devem chegar igualmente a todos, segundo os princípios da justiça e da caridade. (Encíclica Sertum Laetitiae) e sendo este um direito natural obriga os povos mais ricos a sair ao encontro dos países mais necessitados. E acrescenta S. Sant: «se, realmente, esta ou aquela região está muito superpovoada, seria um erro, culpar as leis naturais das angústias presentes, sendo manifesto que estas provêm da escassa solidariedade dos homens e dos povos entre si ».

Deve procurar-se uma solução sim, mas evitando o recurso a um falso eugenismo « que avilta a liberdade e dignidade da pessoa humana e que o bom senso moral e a moral cristã sobretudo devem repelir teórica e pràticamente ».

Uma verdadeira solução cristã e humana, única para este caso das nações da Europa, está num programa bem organizado de emigração. Ela é necessária e o homem tem direito a ela.

O Santo Padre Pio XII tem apresentado, já por várias vezes, a posição da Igreja perante a emigração.

Na radiomensagem do Natal de 1952 declarou que toda a pessoa tem o direito natural a que a não impeçam de emigrar ou imigrar e condenou a organização da sociedade que destrói este direito não o reconhecendo ou anulando-o na prática, sob pretexto de um bem comum falsamente entendido ou aplicado. Daqui se conclui que existe um direito natural à emigração que não pode ser negado ou iutilizado pela acção dos governos. Será justo fixar normas razoáveis para a imigração, mas não podem os Estados

servir-se de regulamentos, aparentemente legítimos, para negar na prática este direito » .

E nem as considerações de soberania nacional sobre territórios ocupados, ou não aproveitados, podem levar até ao extremo de negar o livre acesso aos bens da terra àqueles que, nascidos noutras regiões, deles tenham necessidade» . (1)

Deus abençoando os primeiros pais disse-lhes :

« Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submeteia-a » ; ora não está certo o que os povos por vezes fazem, impedindo que os seus semelhantes, necessitados, ocupem o espaço que lhes sobra. — É o que acontece na Austrália, país riquíssimo e de fraca densidade de população (1,3 hab. / Km 2) e que até há poucos anos mantinha fechadas as fronteiras aos emigrantes.

Não é sem uma profunda repulsa e angústia, fàcilmente legíveis na narração, que V. Gheorghiu nos descreve na «Única Saída» (pág. 238 sg.) as humilhantes e ridículas inspecções a que são sujeitos todos quantos pretendem ingressar no Continente Australiano (avaliação da força muscular, capacidade dos pulmões, análises do sangue, Raio X, a estatura, o peso, o estado dos dentes...)

Não sei qual o grau de verdade da descrição (evidentemente muito pessimista), mas não foi decerto sem algum fundamento que o autor a elaborou.

Sobre a imigração na Austrália, publicaram os Bispos australianos em Novembro de 1953, uma notável pastoral, examinando o problema à luz da doutrina cristã da caridade e da justiça, e mostrando ao povo australiano a grande responsabilidade e grande dever que tem de aceitar os estrangeiros que não possuem nas suas pátrias o suficiente para viver.

«Quando a pobreza e a falta de segurança leva os pais de família a limitar artificialmente os nascimentos, como poderíamos nós, que temos tantos meios de resolver o problema, subtrair-nos a toda a nossa responsabilidade !» (2)

---

(1) Pastoral aos Bispos Australianos a que adiante se fará referência.

(2) A Pastoral veio publicada na íntegra em *L'Osservatore Romano* de 18 de Nov., 1953. Vd. também condensado em *Novellae Olivarum,* Out. de 1954.

A emigração aparece-nos pois, como a resposta mais cristã ao problema da superpopulação na Europa do após-guerra.

O Santo Padre não se cansa de apelar a todas as nações para colaborarem numa solução favorável a toda a família humana. (1)

Ainda em Setembro último enviou S. Santidade uma carta ao Cardeal Iong, Arcebispo de Utrecht, presidente da Comissão do Congresso Internacional Católico de emigração, realizado em Breda (Holanda), lembrando o interesse que a Santa Sé tem dado ao problema da transferência e da instalação de milhares de famílias europeias noutros continentes. (2)

Na Radiomensagem do Pentecostes de 1941, no aniversário da «Rerum Novarum» e «Quadragesimo anno», tratou Pio XII desenvolvidamente o problema. Aqui deixo transcrito o mais importante:

«O nosso planeta com tão vastos oceanos e mares e lagos, com montes e planaltos cobertos de neves e gelos eternos, com grandes desertos e terras inóspitas e estéreis, não carece de regiões e terras vitais, abandonadas ao capricho vegetativo da natureza, aptas para a cultura da mão do homem e acomodadas às suas necessidades e operações vitais; e é muitas vezes inevitável que algumas famílias, emigrando daqui ou dali, procurem algures uma pátria nova. Então, segundo a doutrina da Encíclica «Rerum Novarum», deve respeitar-se o direito da família a um espaço vital».

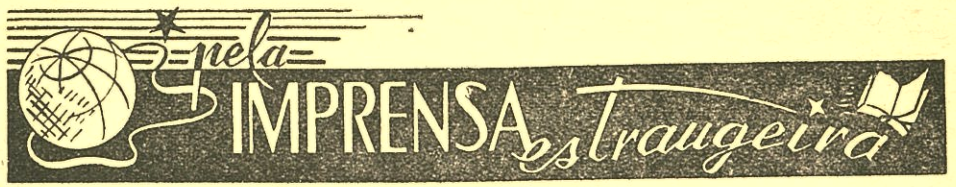
« Onde isto suceder, conseguirá a emigração o seu fim natural, confirmado frequentemente pela experiência, queremos dizer, a distribuição mais conveniente do homem sobre a superfície da terra, favorável a colónias de agricultores; superfície que Deus criou e preparou para uso de todos». (3)

Não seria possível dizer melhor dos benefícios e das vantagens da emigração quando ela se impõe como acontece em tantos países. A Igreja aprova-a e reconhece a sua necessidade. Compete aos Estados firmar os acordos convenientes para a regulamentar com ordem e segurança.

N. B.

---

(1) Vd., por ex., Radiomensagem do Natal de 1948; discurso de 3-VI-950, etc..
(2) Vd. «*Ecclesia*» espanhola de 2-X-954 e L'Osserv. Roma. 17-IX-954.
(3) Vd. *Lumen*, 1941, pág. 432.



PROBLEMAS DE APOSTOLADO NOS ESTADOS UNIDOS (1)

Ao padre norteamericano não se deparam hoje as dificuldades que muitos dos seus colegas têm de enfrentar em outros países. O comunismo está longe de constituir para ele o perigo que representa por exemplo, para o sacerdote italiano. Igualmente, não o preocupa uma numerosa classe operária injustamente remunerada e a braços com todas as dificuldades daí provenientes, como em França. Do mesmo modo, não o perturba imediatamente o problema de uma verdadeira invasão de milhares de refugiados como ao seu colega alemão. E, enquanto na China vermelha o sacerdote só pode escolher entre a fuga ou a prisão com suas consequências, «nos Estados Unidos o martírio é apenas obra de imaginação».

Errado seria, porém, afirmarmos que não há lá problema de apostolado a resolver. Como muito bem acentua o articulista de Worship «este país não pode ser confundido com o paraíso. A maioria dos nossos colegas pelo mundo além, ao verem películas cinematográficas sobre as nossas congregações e paróquias, poderiam talvez ser induzidos em erro, pensando que tudo nos corre pelo melhor». E a palavra autorizada do episcopado estadunidense, na sua reunião anual de 1952, vem confirmar aquele pensamento: «A ameaça iminente para o nosso país provém, não da divisão religiosa mas da decadência religioso-social. O perigo real... vem da desintegração ameaçadora da nossa vida social, devido ao enfraquecimento da religião como força construtiva».

Ora isto verifica-se apesar de o catolicismo norteamericano nunca ter cruzado os braços. Durante muito tempo lutou sem desfalecer pelo seu estabelecimento na nova República, procurando sobretudo manter na prática religiosa as colónias de imigrantes católicos e com eles engrossar as suas fileiras.

Porém, por ocasião da primeira guerra mundial, verificou-se uma notável mudança. As «emergências» anteriores desapareceram quase completamente e a Igreja pôde então lançar-se na organização do terreno conquistado. Aparecem inúmeras associações para homens, mulheres, jovens, camponeses, operários, literatos, intelectuais, etc.. «É notável a explosão de ideias e actividades e aqui e ali, especialmente nos últimos tempos, a tendência para contar mais com os leigos em ordem a sugestões e actividades».

Nesta maior colaboração no apostolado dos leigos zelosos e bem formados, vê o articulista as soluções para várias dificuldades que passa a enumerar: essa colaboração é providencial.

1.º) Para operar a transformação do ambiente materialista, amoral e irreligioso que diàriamente dificulta o desabrochar de uma vida católica integral.

2.º) Para operar a conversão de 130.000.000 de almas que em cada gera-

(1) *Worship*. Revista dedicada ao Apostolado Litúrgico — Abadia de S. João, Collegeville, Minns. E. U. A., Julho, 1954.

ção se afastam mais da Igreja, de Cristo, de Deus. «A não ser que o laicado assuma grande responsabilidade nesta empresa, é difícil prever que algum dia ela se realize. O clero sòzinho não pode, aparentemente exercer grande influência na população».

3.º) Para elevar as famílias crentes a um nível exemplar e de cristã influência para o resto da nação.

4.º) Para trazer ao benefício da instrução católica cerca de um milhão de jovens que a estão perdendo. Efectivamente perto de metade dos rapazes e raparigas católicas frequentam as «brigh--schools» públicas, e mais de metade dos colegiais pertencem a instituições não católicas.

Para auxiliar nas suas lutas e desânimos os jovens católicos que, trocando aos 18 anos a escola pelo trabalho ou pelas forças armadas, perdem muitas vezes o contacto com a Igreja e até a própria Fé.

6.º) Para resolver o problema racial cuja resolução, na prática, está longe ainda de ser um facto na América. A completa readmissão do preto em todos os graus de sociedade não pode, como até aqui, continuar a ser trabalho exclusivo do clero e das religiosas.

7.º) Para uma maior assistência à Missa e aos outros actos do culto. «Os Estados Unidos têm provàvelmente a maior assistência à Missa dominical entre os vários países do mundo. Mas há indicações de que um católico em cada três está ausente». E dos presentes,quantos não o pensam descartar-se apenas duma responsabilidade, deixando desse modo de receber um enorme manancial de Graças. É necessário pois um Movimento Litúrgico para o povo, no qual os leigos zelosos devem exercer largo apostolado.

Porém, para o êxito desta maior colaboração do laicado é necessário que o sacerdote apareça ao fiel como possuidor de uma completa formação espiritual e, em certos casos, intelectual, e simultâneamente como último conhecedor dos factos e necessidades da própria vida do cristão.

O articulista termina por acentuar que esta colaboração, tornada possível pela Acção Católica, não passa afinal de um estádio de evolução através da qual a Igreja se realiza.

JOSÉ VIEIRA MARQUES

O CATOLICISMO NA SUÉCIA (1)

A actual atitude da Suécia perante o Catolicismo só é explicável pela linha histórica da sua evolução religiosa e pela estrutura fundamental da sua civilização hodierna.

Conheceu o Cristianismo no século XII, pelo apostolado de S. Eurico, evangelizador das terras escandinavas. Cedo o Catolicismo atingiu um alto nível de prosperidade, pois a Suécia tem sido sempre a nação mais fértil e pujante da Escandinávia.

Quando chegou a época da reforma luterana, o país ainda era muito católico. Mas a ruptura com Roma produziu-se, aliás por causa das ambições desmesuradas de Gustavo I. Este rei implantou à força o Luteranismo num povo relutante, mas que não tinha condições favoráveis a uma resistência eficaz.

Ora, por coincidência importante, a Suécia adquiria então a hegemonia da Europa, contribuindo para isso as guerras contra a Rússia, o papel importante desempenhado na guerra dos 30 anos e as íntimas relações com a França. Por outro lado com a Reforma, tornou-se o país campeão do Luteranismo europeu, alcançando uma grande proeminência no mundo protestante. Estes factos originaram no povo sueco uma forte inclinação a atribuir a grandeza nacional dos séculos XVI e XVII ao Luteranismo do seu país. E isto explica, em grande parte, a hostilidade para com os católicos. Durante 3 séculos não hou-

(1) *Extension*. Órgão oficial das Missões internas — 1307 South Wabash Avenue, Chicago 5, Illinois, U. S. A. Julho 1954.

ve possibilidades de operar conversões. Todo o sueco era considerado luterano pelo facto de ser sueco tornando-se dificílimo abandonar a Igreja Oficial.

Veio enfim o esforço da re-evangelização. Em 1783 celebrava-se em Estocolmo a primeira Missa católica depois da Reforma. As guerras de Napoleão fizeram cessar a tentativa então iniciada, mas recomeçou-se definitivamente a partir de 1837. Neste ano construia-se em Estocolmo o primeiro templo católico depois da implantação do protestantismo no país.

Foi violento o choque com a opinião pública luterana, indignada com o aparecimento de igrejas católicas, sendo significativo o exílio de seis senhoras em 1858, por motivo da sua conversão ao Catolicismo.

Deve notar-se que esta impenetrabilidade não se origina no interesse pròpriamente religioso pelo Luteranismo — só 20% da população, de 7.000.000, frequenta regularmente os serviços religiosos... Trata-se simplesmente duma lealdade nacional. Os suecos são incapazes de conciliar Catolicismo com Patriotismo.

Além da Barreira construída pela História, há uma muralha mais espessa que é necessário demolir.

Em 50 anos, a fisionomia da Suécia sofreu uma transformação radical no campo do progresso técnico moderno. O país está inteiramente industrializado. O ambiente já nao tem semelhanças com o da Europa tradicional. O nível de vida não tem igual nem mesmo nos Estados Unidos e a mentalidade da população é dominada pela procura duma vida cómoda e rica.

A Suécia criou assim uma sociedade naturalista de que o sobrenatural está quase completamente ausente. É primàriamente necessária uma reeducação fundamental do sentido da vida e da significação do sobrenatural.

A Igreja Católica tem de travar uma luta ingente para vencer estes obstáculos, por assim dizer, na medula da sociedade sueca. Os católicos são 16.000 em 7.000.000 de habitantes e desses 16.000 só 6.000 são nativos, sendo os restantes emigrantes ou refugiados. Existem 50 padres para este campo imenso. As paróquias são, naturalmente, extensíssimas. É um exemplo flagrante o caso daquela paróquia que vai desde os arredores de Estocolmo até ao Ártico.

E estes fracos recursos enfrentam uma entranhada hostilidade e indiferença causadas pelo tradicionalismo «religioso» e pelo materialismo da vida.

Mas também há esperanças, pois já se deram conversões importantes, sobretudo entre intelectuais. Nesta espécie de sociedades, os intelectuais são os mais aptos a sentir a necessidade dos valores do espírito e, por isso, um dos primeiros objectivos é atraí-los à mensagem cristã. É nesta ordem de ideias que o Episcopado está a agir.

É este o campo de lutas e esperanças da Igreja na Suécia, isolada numa sociedade hostil e indiferente.

Que situação terrível a duma sociedade que não aspira a nada para além de si mesma, porque crê possuir já tudo!

CLÁUDIO TEIXEIRA

APRESENTAMOS...

O Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo (1)

4.ª edição

Seria incompreensível que, precisando o mundo duma Palavra Nova e possuindo-a nós, lha não déssemos. Incompreensível é, também, que vivam cristãos à margem do Evangelho. Mas vivem. Cristãos, não admitindo que lhes melindrem o nome. Cristãos, por ser desonesto romperem com uma respeitável tradição histórica, ou porque o contrário seria perder o bom tom de pessoas sociáveis e, mesmo, tornar periclitante uma boa situação na vida pública. Cristianismo de mentira porque desconhece a Mensagem da Verdade. Cristianismo para o qual o Evangelho... é latim.

O Evangelho é a Palavra de Deus. A Igreja, a quem Jesus o confiou, comunica-o aos homens na Liturgia, na Catequese, na doutrina social, em todos os seus actos, como semente da vida. Urge que o simples fiel ganhe consciência do seu catolicismo, torne em vida a sua Fé; e não terá a Vida se desconhecer a Palavra de Deus.

A versão portuguesa dos Evangelhos, cuja 4.ª edição agora apresentamos, é de largo valor para este renovamento cristão segundo a Palavra de Deus. De custo reduzido, fácil é espalhá-la nas catequeses, nas obras católicas, de modo que em todos os lares entre e seja lido naquele espírito que a introdução a esta versão dos Evangelhos aconselha.

As notas catequísticas, que acompanham o texto, são ideia excelente. O cristão verá que a doutrina pregada pela Igreja não é senão a de Cristo, e com os princípios da vida cristã ele aprenderá o princípio básico duma vida cristocêntrica.

A versão portuguesa do P.e Porfírio G. Moreira foi cuidadosamente feita, cotejando o tradutor versões anteriores e consultando o texto grego. Supomos, no entanto, que a fidelidade textual não impediria maior cuidado estilístico que tornava mais agradável e fácil a leitura da Palavra de Deus.

À Pia Sociedade de S. Paulo cabe o nosso reconhecimento pelo trabalho a que deram mãos. Se há deficiências na apresentação gráfica, elas compreendem-se pela impossibilidade de conjugar as despesas, que melhor trabalho exigiria, com o reduzido custo da obra, que interessa manter.

F. MELRO

A arte de educar as crianças de hoje (2)

Gaston Courtois

Se uma das graves obrigações do matrimónio é a geração dos filhos para assegurar a propagação do género humano, grave é, também, a obrigação de os educar. Já vão longe os tempos em que a educação era feita à base de sistemas rígidos — a criança, qual boneco articulado, executava geomètricamente tudo o que lhe era mandado. Hoje, felizmente, já se não pensa assim. A criança é «um santo em potência» Por isso educar (do latim: ex ducere = tirar de) é «extrair dessa criança — pedindo-lhe o máximo da sua colaboração, cada vez mais consciente — o homem, o cristão, o santo» (pág. 13).

Toda a obra dos pais é ajudar os filhos, desde o primeiro instante da existência, na realização da vontade de Deus a seu respeito. Missão tão bela, é certo; mas tarefa bem difícil.

---

(1) Edições Paulistas — Lisboa — Dezembro de 1954.
(2) *Set*, Col. Psicologia e Pedagogia, Lisboa, 1954.

Eis aqui um livro, que será um apoio seguro para o bom desempenho desta tarefa. Como se diz no prefácio, «não é um tratado erudito, nem uma tese de psicologia, nem um relatório de investigação científica». Não é, também, uma simples colectânea de regras para a boa educação. Mais que tudo isto, é um bom livro de meditação para os pais, sobretudo para aqueles que procuram, sèriamente, cumprir o seu dever.

Todos os pontos são tratados com mão de mestre. O autor, P.e Gaston Courtois, que ainda há pouco esteve em Portugal, documentou-se não só nos conhecimentos científicos de grandes psicólogos, mas, sobretudo, na experiência da vida, na «verificação de tantos erros de que as crianças, primeiro, e finalmente os pais são, quantas vezes, as vítimas» (Prefácio).

A apresentação em frases destacadas, bem como os casos relatados aqui e acolá tornam a leitura bastante amena e agradável. Enfim, um livro óptimo e aconselhável a todos os títulos; uma boa prenda de noivado.

Resta-nos, apenas, felicitar a *Set*, a quem devemos a tradução portuguesa e augurar o mais feliz êxito à colecção «Psicologia e Pedagogia», inaugurada com a apresentação deste volume.

S. RENDEIRO

Regarde et Cherche (1)

Madeleine Munich

Como o título indica, este livro é todo ele um convite e incitamento.

Na primeira parte, são dadas orientações para o trabalho de descoberta e investigação a fazer no campo, na vida e... no «ficheiro».

Este «ficheiro» constitui a segunda parte do livro e nele se encontram extractos de jornais e revistas, relatando factos ou dando notícia das maravilhas da Natureza e da Técnica; de qualquer modo, mostrando o poder e o amor de Deus, que criou o Universo e dotou o homem de inteligência capaz de obras espantosas.

Mas — e aqui está a originalidade do livro — todo este trabalho de contemplação e descoberta é enquadrado no Tempo Litúrgico.

As considerações breves feitas ao longo do ano, os textos arrancados ao Velho e Novo Testamentos, que acompanham sempre tais considerações e as fotografias admiráveis, que se tornaram habituais em obras desta natureza, fazem do livro um óptimo auxiliar para a formação dos rapazes e raparigas que começam a subir para a vida.

Ao lê-lo, temos a impressão de uma «Teologia das Realidades Terrestres» posta, literária e gràficamente, ao alcance destes jovens, que olham a vida e o mundo e pedem alguma inteligência do mistério que uma e outro constituem.

A. GUERRA

Guia do Soldado(2)

Silva Costa

De entre as numerosas iniciativas e realizações que mais claramente denunciam a vitalidade do movimento jocista em Portugal, sobressai um bem montado serviço de edições, cujo mérito principal reside, a nosso ver, no acertado critério que preside à escolha dos temas, quer para original, quer para tradução.

São já numerosas as publicações JOC que, pelo seu conteúdo e feição literária, tiveram assinalado sucesso entre os trabalhadores de Portugal. Tal facto tem permitido uma notável regularidade de trabalhos, que é motivo de regozijo para todos os que conhecem as necessidades da classe operária e assistem, com alegria, ao seu ressurgimento prometedor.

O Guia do Soldado de Silva Costa,

---

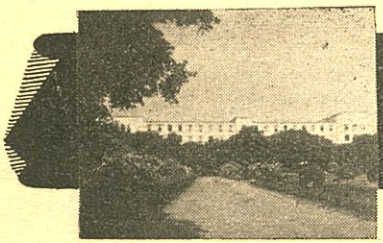
(1) Les Éditions Ouvrières, Paris, 1954 (Representante exclusivo em Portugal — Edições J.O.C., Campo dos Mártires da Pátria, 43, Lisboa).

(2) Edições JOC, 1954, Lisboa, Campo dos Mártires da Pátria, 43.

última obra vinda a lume, também não é alheio ao campo dos interesses mais chegados dos jovens trabalhadores.

Relação de informações úteis e conselhos práticos sobre a legislação e vida militares, é sobretudo um apelo dirigido à consciência humana e cristã dos que se preparam para a vida militar. Aponta-lhes as dificuldades desses meses, para tantos inteiramente desastrosos. Mas não esconde que a vida militar pode ser escola de formação e motivo de enobrecimento para todos quantos a encarem com seriedade e para ela conscienciosamente se preparem.

A. TAVARES



CRÓNICA

Natal

Com os primeiros frios vieram os primeiros dias de Dezembro, embalados em sonhos de Natal.

As àrvores do parque batidas pelo vento cortante dizem-nos segredos do aconchego quentinho da nossa casa.

Para uns nasce a saudade duma lareira aldeã tão quente quão portuguesa, noutros a lembrança da família em redor do braseira não tão tradicional mas também quentinha. Este vê-se entre a algazarra dos irmãos mais novos a contar histórias. Aquele sente dor de dentes ao sonhar que trinca uma castanha tirada a fumegar do assador.

E no meio deste sonhar, a vida corre, ora por vezes, mas nunca igual e sempre nova porque cada dia vivida como Deus quer.

Vêm os pontos da época e para muitos a dor de dentes não nasce apenas de sonhar com castanhas quentes...

Todavia o Natal tem o seu segredo que eu não sei desvendar. Estuda-se com mais amor. Os pés arrefecem mas o Menino Deus também sentiu o frio desde a primeira hora.

E a gente aquece os pés no calor do coração. E trabalha a pensar Nele. E quando o trabalho cansa voltamos a sonhar com o presépio simples da nossa terra. É o segredo sempre novo do Natal:

Em todos um beijo de paz trazido na voz dos anjos :

«Glória a Deus nas alturas
E na terra paz às criaturas»

18 de Novembro

Dentro do programa das festas em honra do Senhor Cardeal Patriarca o dia 18 de Novembro foi designado como o dia do Pontífice.

Em volta de Sua Eminência se reuniram nesse dia todos os que nasceram do seu poder sacerdotal.

Na Sé Patriarcal celebravam simultâneamente os Bispos que o sagrou e os sacerdotes que ordenou, numa significativa cerimónia de unidade e reconhecimento.

Terminado o Santo Sacrifício o Senhor Patriarca falou. Toda a unção da sua alma em fogo perpassou nessas palavras magistralmente ditas. Não seria posível dizer-se tanto nem melhor.

Através das naves sóbrias da Sé a sua voz elevava-se ora humilde e suplicante, ora vigorosa e enamorada. Parecia não lhe caber na alma toda a sua gratidão ao Senhor.

Falou da sua entrada na diocese há 25 anos. Disse do que de bom encontrou

e do imenso que era preciso fazer. E confessou todo o seu ardor juvenil ao esposar a nobre Igreja de Lisboa.

E foi contemplando agora estes rebentos nascidos ao longo de 25 anos de trabalhos e dores à mistura com muitas e consoladoras alegrias que elevou à Trindade o seu hino de louvor.

Não faltou um grito de amor para com a Mãe de Deus. Nas Suas mãos colocara todo o seu apostolado. Por ela se tinham multiplicado os milagres da graça e se tinha aformoseado cada dia a Igreja Lisbonense.

Ao almoço, servido no nosso Seminário, estiveram todos os que na Sé se haviam unido na oferta do mesmo sacrifício.

Decorreu num ambiente de encantadora familiaridade; não faltaram alguns números pelo nosso coro pdifónico.

Tomaram a palavra os Ssnhores Arcebispos de Coimbra e Mitilene, Mons. Reitor de Santarém, Mons. Miguel de Oliveira e D. Bento, prior da Graça, e por último o Senhor Patriarca.

Depois de agradecer a todos os que haviam falado deixou falar alto o coração.

Ele o homem de Letras, o catedrático ilustre, o intelectual distinto cantou em cada frase um hino à humildade.

A sua obra que era mais que a obra dos seus bispos auxiliares e do seu clero ? —

Por isso Ele gostaria de a cada um beijar as mãos.

É assim o amor dos que se dão sem medida.

Catequese

Quem já viu o olhar duma criança ao falarem-lhe do Menino Jesus ? Quem já o meditou ?

Onde melhor imagem da graça que o Menino veio trazer ao mundo ?

Olhos onde dançam sorrisos que os lábios sózinhos não sabem exprimir. E Jesus gosta de vir às suas almas.

Para isso trabalhamos toda a época no ensino da catequese. Cada quinta-feira uma lição e em cada lição mais um pouco de luz. A preparação para o Natal foi longa, mas nada se dá em vão quando é bem dado. Por isso o Menino este ano virá dar o Seu bem-haja a cada um de nós, que lhe demos a pureza das almas das crianças.

Academia de Santo António

Além de 2 sessões ordinárias em que ouvimos trabalhos do Rev.do Abílio Tavares Cardoso e Miguel Ponces de Carvalho, a Academia, em sessão extraordinária, fez a sua mensagem, no passado dia 7, a Nossa Senhora da Conceição.

O Sr. Vice-Reitor presidiu, tendo assistido outros superiores do Seminário.

Toda a sinceridade, por vezes rude, do nosso povo se sentiu vibrar na sua devoção à Virgem.

E desde o Algarve ao Minho passando pelas Beiras se ouviu palpitar o coração das nossas gentes em seus cantares ingénuos.

Algumas dezenas de imagens falaram-nos das prncipais romarias portuguesas em honra da Virgem.

Ao cimo as Sr.as da Aparecida e do Sameiro; no coração das serras as Sr.as da Graça e da Estrela, mai-la Senhora da Rocha; na orla litoral a Sr.a da Nazaré; a Virgem da Curada, ao longe no Algarve.

Sempre e por todo o lado a devoção a Maria, que a Virgem não esqueceu ao falar à terra através dos 3 pastorinhos de Fátima.

O Senhor Vice-Reitor louvou o elevado cunho artístico da sessão e regosijou-se por através da Academia termos recebido tão bela lição do nosso povo.

A. NETO

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

a mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais Lâmpadas Suspensões

Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO — ELÉCTRICAS

CASAS DE BANHO — CENTRAL — CONTRA INCÊNDIOS

PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

VENTILAÇÃO

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

A BOA CONSTRUTORA

FÁBRICA NACIONAL DE RELÓGIOS MONUMENTAIS

MARCA REGISTADA — COUSINHA-O MELHOR RELÓGIO — ALMADA-PORTUGAL

MANUEL FRANCISCO COUSINHA & FILHOS

Telefone: Almada 165 — Telegramas: FABRIRELÓGIOS — Almada

R. Capitão Leitão, 179-183 — Almada — Portugal

Relógios mecânicos e eléctricos para torres e edifícios públicos — Relógios-carrilhões que tocam trechos musicais — Relógios fabris com dispositivos de comando — Relógios eléctricos secundários — Máquinas que dão corda automática aos relógios mecânicos — Teclados eléctricos e manuais para sinos — Máquinas sineiras automáticas — Sinos afinados e avulso — Mostradores, sirenes, pára-raios, cata-ventos e Cruzes luminosas.

Dez e quinze anos de garantia — Trinta anos de prática

Premiada com medalha de ouro nas exposições a que tem concorrido

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Sociedade Editora

ALA ESQUERDA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Telef. 268 - B E J A - Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro.

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191 a 211

PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50

LISBOA



REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI / OLIVAIS